

## EM MEMÓRIA DE EDOARDO BIZZARRI (1910-1975)

*E. Rina M. Ricci*

De repente, uma dor. A perna adormece. O corpo dobra-se debaixo de uma fadiga estranha. “É o fim”, balbucia. Olhos escancarados, contempla, ausente e lúcido, o grande acontecimento. Nunca, talvez, foi tão lúcido e consciente diante de um fato que estava para “definir” sua vida. E sorriu. Sorriu do mesmo jeito que usava ao deparar com as coisas belas, ou ao se encontrar com as pessoas caras: com densa e contida vibração humana, mediante uma expressão singularmente equilibrada e, ao mesmo tempo, preocupada em querer se comunicar imediatamente num plano inteligente e afetivo, onde o sentimento suscitasse, com espontaneidade, o clima propício para um diálogo amável. Se houve diálogo com o Ser que, nesse momento, Edoardo Bizzarri de improviso viu na sua frente, disposto a levá-lo longe, não podemos saber. Supô-lo, entretanto, é mais que permitido, pois, Edoardo Bizzarri havia feito do diálogo uma *forma mentis* e o hábito usual de sua expressividade, sempre muito carregada de significados, e onde a palavra era magistralmente projetada, até o extremo limite do possível, para articular sabedoria, cultura, agudez de inteligência e de espírito. Supô-lo é, portanto, mais que permitido ainda, nesse momento, quando Bizzarri estava se encontrando, inesperadamente, com um Ser que carregava nas mãos ofertas estranhas e uma ordem imperiosa. Poderia ele não dialogar com a Morte que, rápida e incisiva, estava ali, a exigir-lhe a vida, vale dizer, aquela soma imensa de bens que Edoardo Bizzarri amava com amor radical e que guardava como patrimônio infindo, donde auferia, para si e para os outros, milagres de beleza? E por que ele não haveria de inquirir a Morte acerca do evanescente caminho que o homem percorre sobre a terra, no meio de tanto mistério, em tão curto tempo, em tão breve e limitada consciência dos fatos, do mundo, dos seres e dos fenômenos? A mente inquieta e vigilante de Edoardo Bizzarri não poderia perder uma ocasião como esta para, ao deixar o trabalho terreno, iniciar o diálogo com a eternidade. Nós conhecemos apenas as palavras introdutivas: “É o fim” preparando e salmodiando o silêncio que se estabeleceu.

De nada valeram as intervenções solícitas e amorosas dos amigos e dos médicos. O prof. Edoardo Bizzarri, que parecia destinado, miticamente, a lembrar-se ainda por muitos anos entre nós, ao contrário estava abandonando tudo e a todos, embora muitas pessoas e instituições precisassem essencialmente de sua inteligência, humanidade e cultura: nossa Universidade, à qual tanto deu de si; São Paulo, a que tanto amou; a Itália pela qual tanto trabalhou.

Escritor, crítico, docente universitário, teatrólogo e tradutor emérito: uma existência completamente perpassada de trabalho sério, duro, criativo; mas com seus sessenta e cinco anos, ele não aparentava nem os gastos naturais da idade nem as dobras de cansaço. Sua fibra, que parecia saída de uma estátua da velha Roma imperial, sugeria a vitória do intelecto sobre o tempo. Seu espírito, bem como seus projetos estavam voltados para um futuro certo que, com elegante volição, Edoardo Bizzarri tinha visualizado mediante um programa belíssimo de realizações para os Cursos de Italiano junto à U.S.P., em nível de graduação e de pós-graduação. Mas, infelizmente para nós, ele partia para um lugar desconhecido, não para a sua Roma, onde nasceu e desejava voltar para desfrutar do merecido descanso após cumprir todas as suas tarefas universitárias aqui. Partia calmo e sereno, imperturbado; era o fim da jornada de um trabalhador robusto, que por vinte e sete anos seguidos não mediu esforços para semear generosamente, aqui, nesta cidade de São Paulo e daqui para todo o Brasil, as melhores sementes da cultura.

Logo após a formatura em Letras pela Universidade de Roma, Edoardo Bizzarri ganhou brilhantemente o concurso para cátedra de Letras nos Institutos Médio-Superiores do ensino oficial na Itália. Mas cedo percebeu a vocação pela carreira de docente de Língua e Literatura Italiana no exterior. Primeiramente foi enviado junto à Universidade de St. Andrews, na Escócia, passando depois para a de Cape Town, a de Santiago e a de Concepción. Porém, somente em 1948 encontrou o País e a cidade que haveriam de prendê-lo por completo e para sempre: foi quando o Governo Italiano o nomeou Adido Cultural junto ao Consulado Geral da Itália em São Paulo. Aqui o prof. Bizzarri entrou em contacto com uma realidade e um mundo que o fascinaram profundamente. A U.S.P. convidou-o logo para ministrar uma série de aulas-conferências. Foi o primeiro grande encontro amoroso do qual só a Morte o separou. Paralelamente, fundou o Instituto Cultural Italo-Brasileiro para que houvesse um entrosamento mais íntimo entre a cultura italiana, que oficialmente ele representava, e a brasileira, que ia se impondo à sua admiração. O campo a ser lavrado apresentava-se ao trabalhador robusto e solícito, imenso, atraente e, sob vários aspectos, até mágico. Mágico, por estar cheio daquelas forças ocultas e maravilhosas que a natureza deposita no homem e pelas quais acontecem os milagres da civilização. Itália e São Paulo tornaram-se os dois polos de interesse da mente e do coração do prof. Bizzarri, cuja bagagem cultural não se limitava a uma soma incrível de conhecimentos, mas, antes, primava pelo profundo sentido de humanidade, que as longas meditações sobre os Humanistas lhe transmitiram naquela dimensão de universalidade de que tanto fala Pico Della Mirandola — autor que Bizzarri não apenas citava constantemente, mas *vivia* intensamente — em seu “De Dignitate Hominis”. Eis o aspecto mágico que o recém-chegado prof. Edoardo Bizzarri percebeu no fundo psíquico e moral do brasileiro autêntico; o respeito à dignidade humana. Será justamente isto que, anos depois, o levará à leitura apaixonada dos escritores brasileiros e a traduzir, de maneira estupenda,

Graciliano Ramos, Cecília Meirelles e, de forma toda especial, J. Guimarães Rosa.

Edoardo Bizzarri, pois, entendia que ser Adido Cultural não era ser um funcionário burocrático, e, sim, uma espécie de arauto, que não apenas anuncia e apregoa suas mensagens, mas igualmente leva para a sua terra as notícias que consegue colher durante sua missão. Para o prof. Bizzarri a cultura não conhecia limitações de lugar, de pátrias, de credos. “Uma visão ética da humanidade em marcha” definiu-a em uma das suas mais importantes obras, *Machiavelli antimachiavellico*, escrita quando ainda era muito jovem. Portanto uma visão profundamente humanista. Não de um humanismo visto como conquista doutrinal e lógica, porém como verdade humana tão intimamente sentida que se impõe como norma pessoal e orienta a conduta moral, social e profissional do indivíduo. É por isso que Edoardo Bizzarri foi essencialmente um educador. Não um simples professor que ministra aulas rotineiras, nem o enfadonho docente universitário que despeja, com íntima arrogância, uma torrente de noções. Um educador, ao contrário, disposto sempre a repetir, a exemplificar, a explicar, com humildade, com alegria, com suave perspicácia e agudez para traduzir tudo num plano de comunicação humana completa (e não apenas lógica), de modo especial quando estavam em jogo os milagres que o espírito cumpre através da arte e da poesia. Assim ao trabalho oral (cursos, conferências, seminários etc.), ele acrescentava as obras escritas. Como relatar aqui todos os artigos, ensaios, resenhas, verbetes que escreveu para jornais, revistas, enciclopédias etc., brasileiros e italianos? São dezenas e dezenas (fazemos votos que um dia, bastante próximo, sejam reunidos num volume e publicados, pois sua importância crítica e literária é grandíssima, quer para as letras italianas, quer para as brasileiras) Sua presença era requerida nos mais importantes congressos, simpósios e seminários de literatura, filosofia e estética que se realizassem em São Paulo. Muitas foram as distinções honoríficas que lhe reservaram os Governos da Itália e do Brasil (Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul), associações culturais e artísticas (Prêmio Saci, Medalha Anchieta etc.), sendo sócio benemérito da Associação Paulista de Críticos Teatrais, sócio honorário da Academia Paulista de Letras, cidadão honorário do Estado da Guanabara etc. Orientou o “Jornal falado de literatura contemporânea” da Reitoria da U.S.P.; organizou junto à Radio 9 de Julho, em São Paulo, dois programas semanais de “Vida e Cultura Italiana”; fundou a “Casa di Dante”, onde fez funcionar uma rica biblioteca e uma não menos rica discoteca, franqueadas ao público; dirigiu a série dos “Cadernos do Instituto Italo-Brasileiro”; deu vida ao “Auditório Itália”, sala destinada à música de câmara, a representações teatrais e a exposições.

Além dessas múltiplas realizações, que já por si só oferecem as dimensões da atividade e da cultura de Edoardo Bizzarri, dois outros grupos de produções de maior folego merecem citação e destaque especiais.

Ao primeiro grupo pertencem cinco volumes, quatro redigidos em italiano e o último em português. A saber: *Machiavelli antimachiavellico*, que

lhe valeu o “Prêmio San Remo”, um dos mais ambicionados pelos críticos na Itália; *Vita di Cesare Pascarella*; *L'italiano Francesco Guicciardini*; *Il magnifico Lorenzo*; *J Guimarães Rosa, correspondência com o tradutor italiano*.

Já pelos títulos é possível ver qual foi o interesse proeminente dos estudos de Edoardo Bizzarri: o Humanismo e o Renascimento, analisados através das personagens históricas mais importantes que uniram, ao pensamento, a ação política e social de modo a revolucionar princípios e formas de vida.

O trabalho sobre o poeta dialetal romanesco Cesare Pascarella e o volume da correspondência mantida com J Guimarães Rosa, no que pese a diversidade dos assuntos, em última análise não fogem à linha espiritual dos anteriores: quer no poeta romanesco quer no romancista brasileiro vibram — é verdade: em tons e cadências diferentes — as mesmas preocupações existentes nos três grandes renascentistas que atraíram e fixaram a atenção de Edoardo Bizzarri. São as preocupações pelo homem considerado como realidade espiritual que se autodetermina criatura histórica, dentro de sua complexa personalidade política e civil isto é, socialmente.

Traduzir foi para Edoardo Bizzarri, desde a sua juventude, uma forma de colocar-se em contacto íntimo com novas atmosferas, tensões humanas e linguagens diferentes para captar experiências e aspectos desconhecidos da vida e, assim, abrir mais e enriquecer seu horizonte cultural. Passou do inglês para o italiano dois romances de Aldous Huxley (*The Grey Eminence* e *Time Must Have a Stop*) e um de William Faulkner (*Go Down Moses*). Do português, como já dissemos, Graciliano Ramos (*Terra Seca*), Cecília Meirelles (*Poemas Italianos*) e J Guimarães Rosa (*O Duelo*; *Corpo de Baile*; *Grande Sertão: Veredas*)

Todos sobemos que traduzir é tarefa ingrata, especialmente quando se trata de poesia. Neste caso específico, “é impossível dizer-se, ao mesmo tempo, com a mesma forma, exatamente a mesma coisa”, como afirma Cecília Meirelles. Entretanto, a própria Cecília sustenta também que há a possibilidade de “transmitir a leitores de fala diferente a mensagem necessária, com palavras e ritmos que tenham o mesmo poder de influir no leitor estrangeiro, como o original deve fazê-lo em relação aos que o podem ler diretamente” Foi o que Edoardo Bizzarri conseguiu, de maneira maravilhosa, ao passar para a língua italiana os *Poemas Italianos* da grande e delicada poetisa brasileira. Os que podem lê-los nas duas línguas captam com facilidade o vigor poético que “permaneceu” na estrutura dos novos versos italianos em que transmigrou a alma de Cecília Meirelles em virtude do gosto, da finura e da alma poética do tradutor. O mesmo aconteceu com *Terra Seca* de Graciliano Ramos. O leitor italiano pode viver a intensidade desse romance e sentir todo o drama de que ele é documento forte e apaixonado, pois Edoardo Bizzarri conseguiu penetrar no âmago da estória e reproduzi-la, em italiano,

“com palavras e ritmos que têm o mesmo poder de influir no leitor estrangeiro”, como desejava Cecília Meirelles, “como o original deve fazê-lo em relação aos que o podem ler diretamente”

E as traduções das obras maiores de J. Guimarães Rosa? Que o próprio Guimarães Rosa fale: “Acho a sua tradução do *Duelo* simplesmente milagrosa. É a única tradução em que nem um tico ou átomo do original se perde, nem por evaporação obrigatória, mas, antes se prestigia e reforça. Você é o homem capaz de traduzir qualquer poesia” (Carta escrita a Bizzarri em 20/1/1964)

Mas valha, acima de tudo o que o grande romancista escreveu a Bizzarri em 16 de dezembro de 1964 ao receber a tradução de *Corpo de Baile*: “Meu caro Bizzarri: Faz três dias que eu ainda não estava em poder de escrever a Você, porque o vibrar era forte demais, eu me achando em ebulição, erupção, emoção — terremoto de alegria. Arrivou o “Corpo di Ballo” Possante, no aspecto físico, uma beleza. Li-o, todo, devorado meticulosamente. Deslumbrado. Linha por linha, eu entrava, sem sair, em outro, grato, mais alto êxtase. O que Você fez, supera tudo. Você conseguiu — a mim, que já esperava o máximo! — surpreender-me. Sua tradução é fabulosa.

Você é um MONSTRO. Você entrou em todas as células do livro, arejando-o sem o amarrotar, trazendo-lhe vida e *rugiada*. (Que estupendo Até a Língua italiana de que eu já tanto gostava, abriu-se agora para mim em pétalas mais aos milhares, em dimensões novas, como gruta de Aladino) Depois, o tom, o vigor, a movimentação elástica, os ritmos, a energia geral e sustentada — Você milagrosamente, atendeu a tudo: mas mais, mais para diante, mais avante, mais à frente. Fico tonto. De onde se vê que não há Tradutor formidável e exato como Você, nem haverá Tradução melhor que a sua. Fico tonto Os versos, as quadras, meu Deus”

Depois dessas palavras do maior romancista brasileiro, consagrado internacionalmente, que mais poderíamos acrescentar nestas poucas linhas escritas sob o impacto emocional de tão grave perda?

Os versos, as quadras, meu Deus”